

## Por Que Dividir Se Posso Multiplicar?

*Why Divide If I Can Multiply?*

Daniele Vidal Lima <sup>1</sup>  
Edgilson Tavares de Araújo <sup>2</sup>

### CASO DE ENSINO

#### RESUMO

Dona Helena é Relações Públicas da Associação Beneficente Conexão Agatha que assiste uma média de 120 crianças e adolescentes. Ao descobrir que uma parte das famílias residentes na comunidade local – junto com as crianças – invadiram um edifício abandonado foi ver de perto a situação. Ao chegar ao local ela se deparou com Pantro, uma espécie de líder comunitário que idealizou a ocupação, grupos de moradores que abandonaram suas casas para morar no imóvel e transeuntes que se aproveitaram da situação para se instalarem no local. Dentre os grupos distintos, um interesse em comum: pressionar a prefeitura para serem beneficiados no programa habitacional do governo.

**Palavras-chave:** Liderança Comunitária; Política Habitacional; Ética.

---

<sup>1</sup> Especialista em Inovação, Sustentabilidade e Gestão do Terceiro Setor (Unijorge), Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas (UCSal). Email: [vidal.dani2@gmail.com](mailto:vidal.dani2@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Serviço Social (PUC-SP), Professor Adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Ufrb). Email: [edgilson@gmail.com](mailto:edgilson@gmail.com).

## 1. O INVERNO ESTÁ CHEGANDO

Apesar de Salvador-BA não ter as estações do ano bem definidas, para o inverno de 2010 era esperado um período de fortes chuvas, principalmente ali, naquele cortiço no antigo Mercado do Ouro, onde ocorrem muitos problemas com a chegada do frio. Dona Helena atua como Relações Públicas da Associação Beneficente Conexão Ágatha, que assiste crianças e adolescentes do bairro; mas naquele momento, seu papel era outro. Ela gostaria de ajudar, orientar, mas sem ultrapassar uma linha imaginária que não a tornaria mais bem vinda naquele espaço onde os oportunistas, ladrões, mulheres que fazem vida, traficantes, convivem com mães de família e seus filhos inocentes, alheios a todos os perigos que existem ao seu redor.

Dona Helena precisava encontrar Pantro, pois além de ser uma pessoa com voz ativa naquela comunidade, também foi um dos idealizadores da invasão do imóvel. Ele era uma figura peculiar e fácil de ser identificada: um travesti de cabelo cortado com máquina 01, brincos grandes, unhas compridas e pintadas, um anel em cada dedo, sempre usando sandálias de couro e uma bolsa carteira embaixo do braço. A intenção de Dona Helena era tentar persuadir Pantro para que ele deixasse o prédio e convencesse os outros a fazerem o mesmo. Mas como explicar a alguém valores que são tão distantes daquilo que se vive no dia-a-dia? Como fazê-los entender que em um grupo de dez pessoas com dez pães, se um come dois pães, alguém fica com fome? Se eles já tinham uma casa, doada e regulamentada pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER, por quê invadir um prédio onde as condições de vida são sub-humanas para exigir do Governo mais um outro imóvel?

## 2. A VIDA ANTES DO CORTIÇO

Pantro viveu 15 anos na Comunidade de São Francisco de Paula. Ele dividia uma casa com a amiga Florinda que tinha três filhos e estava dependente de drogas. Eram cinco pessoas vivendo em situação de alto risco social em um quarto abafado e pouco iluminado, praticamente sem móveis, dividindo espaço com traficantes locais que faziam do lugar um ponto de venda e consumo de drogas. Florinda entrou em total decadência por conta do seu vício, chegando ao ponto de vender tudo que havia em casa. Todas as doações que ela recebia trocou por drogas. Foi Pantro quem tentou ajudar a amiga e os filhos de todas as formas. As crianças ficavam na maior parte do tempo sob os cuidados de Pantro que nunca conseguiu impor limites a eles. Quando a situação ficou insustentável, ele desistiu e foi embora, voltou para um bairro afastado onde sua família morava, deixando Florinda e as crianças.

Em 2003, a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia - CONDER construiu algumas casas populares na comunidade de São Francisco de Paula, para que os moradores que viviam ali em barracões insalubres, passassem a ter uma vida mais digna com endereço fixo e escritura do imóvel em que moravam. Florinda também foi contemplada e passou a ter uma casa própria para viver com os filhos. Ao saber da novidade, Pantro voltou a morar com Florinda enquanto os vizinhos e moradores da comunidade questionavam sua volta assim como seu altruísmo repentino.

A esta altura, a situação de Florinda estava ainda pior. O filho mais velho tinha saído de casa e ficaram apenas os adolescentes, Eric que tinha um respeito maior por Pantro e o caçula Gargamel, com oito anos de idade e uma personalidade muito difícil. Criado solto, sem limites, viu a mãe ser consumida pelas drogas. Não conhecia uma referência positiva para seguir e nem ao menos sabia quem era o próprio pai. Gargamel era agressivo, usava uma linguagem chula, praticava pequenos furtos, passava o dia vagando pela rua e só freqüentava a escola quando tinha vontade. Pantro se esforçava para educá-lo, mas encontrava muitas barreiras para isso porque Gargamel só fazia o que queria. A situação chegou a tal ponto que para dar banho no menino, ele precisava amarrá-lo no banheiro.

As coisas estavam longe de melhorar e a sobrevivência da família ficava por conta de Pantro que já tinha dois imóveis alugados (anteriormente invadidos em outros pontos da cidade) e ele recebia o aluguel. Ele contava com a ajuda de uma vizinha que permitia a ele guardar mantimentos, utilizar seu gás, água e banheiro – mediante um pagamento – porque era impossível ter qualquer eletrodoméstico, alimento ou objeto dentro de casa, que poderia ser vendido por Florinda para comprar drogas.

Dona Helena tentava acompanhar o desenvolvimento dos filhos de Florinda, mas era tarefa muito difícil. Quando o auxílio não era o que Florinda esperava como dinheiro, mantimento, roupas ou algum material que pudesse ser vendido, ela simplesmente se fechava. Visitar sua casa era complicado por se tratar de um ponto de tráfico e a vizinhança passou a ignorar a situação na qual Florinda vivia e também pararam de ajudar seus filhos.

### 3. A BEIRA DO ABISMO PARA GARGAMEL

Em 2010, Gargamel foi flagrado tentando violentar um vizinho de apenas cinco anos e as coisas chegaram a um ponto insustentável. O pai da criança agredida ameaçou matá-lo caso o exame pelo qual o filho seria submetido confirmasse que houve violência.

Enquanto isso, Pantro tentava encontrar um meio de tirar Gargamel da comunidade evitando assim que algo ainda pior viesse a acontecer. Antes de concretizar a fuga, eis que durante a noite o pequeno Gargamel tenta manter relações sexuais com a própria mãe que se encontrava desacordada na cama e sob o efeito de drogas.

Todos pressionam Pantro para entender o motivo dele se submeter a situações como essa, sofrer para educar uma criança com esse nível de problemas e que no final das contas não tinha nenhum grau de parentesco com ele. A resposta pronta não convencia:

— Eu que não posso gerar um filho, pois Deus não me permitiu nascer mulher pronta. Esses meninos são como filhos que não pude ter! — dizia Pantro enquanto se abanava com um leque improvisado.

As vizinhas se cutucavam e cochichavam umas com as outras na calçada. Uma delas não agüentou e gritou da janela:

— Conta outra, Pantro! Gargamel é bicho solto, não é filho pra ninguém.

— Um dia serei recompensado por tudo que passei. Eu já sei como serei pago! — esbravejou Pantro enquanto descia a rua e apontava o dedo para o céu.

### 4. O DIVISOR DE ÁGUAS

O vício de Florinda em drogas e álcool a levou a desenvolver algumas doenças e uma cirrose acabou matando-a. O filho maior de idade recebeu a guarda dos irmãos menores, mas na prática quem morava com os meninos era Pantro.

A morte de Florinda causou ainda mais revolta em Gargamel, nesta época com doze anos. Ele passava o dia dizendo abertamente que compraria uma arma e se vingaria de todos os que não ajudaram a mãe. Sua revolta também se estendia a Pantro que tentava impor alguma autoridade, mas Gargamel já sabia qual era o seu ponto fraco. Ele ameaçava Pantro dizendo que o denunciaria a polícia e o acusaria de abuso sexual, afinal, “quem duvidaria de uma criança acusando um travesti?” Principalmente se o travesti em questão mora com ele, mas não tem qualquer ligação familiar. Quem acreditaria que Pantro é inocente?

Após uma articulação com detalhes desconhecidos, o filho mais velho de Florinda alugou o imóvel onde Pantro morava com os dois menores na Comunidade São Francisco de Paula. O que chamou a atenção é que a casa foi alugada mas todos acreditam que o dinheiro do aluguel ficava com Pantro, mesmo ele não tendo a guarda oficial dos meninos. Quando a história de que um casarão próximo estava abandonado, mas ainda possuía ligação de água e energia, Pantro viu ali uma oportunidade de invasão que logo depois acabou se concretizando.

## 5. A OCUPAÇÃO

Pantro é um articulador como poucos. Conseguiu liderar a invasão do prédio junto com alguns moradores da Comunidade São Francisco de Paula que ainda não haviam sido contemplados com uma casa pela CONDER. Junto a este grupo ele agregou mais algumas famílias que já tinham casa própria e que viram ali a oportunidade de ganhar mais um imóvel pressionando o Estado.

Em Janeiro de 2011, Pantro reuniu algumas pessoas nas quais ele via uma parceria em potencial e fez um pequeno encontro para avaliar a possibilidade da ocupação daquele edifício. A idéia foi facilmente adotada, pois Pantro tem grande poder de persuasão além da possibilidade de todos serem incluídos em um programa de habitação do Governo posteriormente, mesmo aqueles que já tinham um imóvel.

Logo após o carnaval, quando as pessoas já tinham retornado às suas rotinas, a área próxima ao Ferry Boat não tinha mais o movimento comum ao feriado. Pantro e mais alguns homens foram até o prédio durante a madrugada. Não foi difícil fazer o arrombamento do primeiro andar e logo após entrarem, certificaram-se de que não havia mais ninguém naquele prédio lacrado. Por ser um edifício comercial, depois de uma breve revista, eles escolheram as salas que suas famílias iriam morar a partir daquela data. Pela manhã, as famílias iniciaram o processo de mudança, levando seus pertences para o local da ocupação.

Uma semana após esta movimentação, Dona Helena, Relações Públicas da Associação Beneficente Conexão Agatha, soube por meio das crianças que fazem atividades na Associação, que suas famílias estavam morando no prédio abandonado. Ela resolveu visitar o local no mesmo dia para ver de perto a situação em que aquelas crianças estavam vivendo e entender os motivos de uma ocupação como essa, visto que, a maior parte daquelas famílias já possuía casa própria.

## 6. A ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CONEXÃO AGATHA

Dona Helena trabalhava de forma voluntária já havia alguns anos e sabe a história da maioria das famílias da comunidade São Francisco de Paula. Com a inauguração da sede da Associação Beneficente ela tornou-se funcionária desta e passou a acompanhar ainda mais de perto a comunidade, indo além das visitas domiciliares em parceria com a Pastoral da Criança.

Oferecendo atividades diárias para as crianças como brinquedoteca, reforço escolar, oficina de artesanato, aula de música e dança, a Associação passou a se tornar uma referência, um porto seguro para as mães deixarem suas crianças. Além desse trabalho com os pequenos, também é possível encontrar auxílio em diversas esferas inclusive orientação em busca de cadastramento em programas sociais. A construção da sede não limitou os trabalhos de Dona Helena apenas naquele espaço, mas ela continuou fazendo o acompanhamento das famílias *in loco* e por conta de todo seu trabalho anterior, sua presença nas vielas da comunidade era vista com bons olhos.

## 7. A LUTA VALE A RECOMPENSA?

Dona Helena desceu até a comunidade São Francisco de Paula e já notou uma diferença significativa no ambiente. Poucas pessoas a cumprimentaram... Boa parte das casas fechadas e não encontrou muitas crianças na rua. Antes mesmo de chegar ao prédio Dona Helena percebeu que aquela ocupação envolvia mais pessoas do que ela imaginava no início.

Ao visualizar o edifício, ela percebeu algumas mulheres na porta e ao se aproximar reconheceu a mãe de uma das crianças assistidas na Associação que trabalha:

— Boa tarde Marinalva, tudo bem com você?

— Oi Dona Helena. Meus meninos aprontaram? – Com uma camisa comprida que lhe cobria até o short curto ela limpou o suor do rosto.

— Não aprontaram nada não Marinalva. Quer dizer que eu só visito você quando os meninos aprontam?

— expressa D. Helena com um ar docemente repreensivo.

— É o costume. Aquelas pestes. Ontem tirei o couro de Janderson. Olhe, não agüento mais aquele menino não. Ele não me respeita e ainda tá dando pra mentir! Vou mandar ele pra morar com a peste do pai. Aí ele vai dar valor a mãe que tem.

— Marinalva, eu quero que você suba lá na Associação amanhã para conversarmos sobre Janderson, mas agora eu quero saber é por que você está aqui nesse prédio? E sua casa?

Marinalva pegou uma trouxa de roupa que estava no chão ao seu lado, despediu-se das colegas e entrou no prédio chamando Dona Helena para acompanhá-la. Logo ao passar pela porta ela pôde ver um homem sentado em um banco como se vigiasse a movimentação na entrada. O lugar era escuro, com forte cheiro de poeira, uma grande desorganização e objetos amontoados. Enquanto subiam por uma escada estreita, Marinalva tentou explicar a situação:

— Dona Helena, a senhora tem que entender meu lado. Vim pra cá porque quero conseguir uma casinha.

— Mas você já tem uma casa! Seu nome está no cadastro do Governo, não pode ser contemplada de novo.

— Quem disse? Pantro tem duas casas que o Governo deu! Ele disse que invadiu um terreno e depois não teve como tirá-lo sem dar uma casa antes. Sem contar a casa da falecida Florinda, que Deus é quem sabe como ele passou para o nome dele. Aquilo ali não é brinquedo!

Enquanto Marinalva entrava na sala ocupada pela família dela, Dona Helena ficou na porta, imaginando como argumentar após ouvir uma explicação com esta. Era óbvio que o sistema de credenciamento no programa habitacional feito pela CONDER tinha falhas e quem sabe até mais grave: uma rede de corrupção para favorecer determinadas pessoas no recebimento de mais de um imóvel. Dona Helena tentava arrumar essas questões em sua cabeça mas não pôde ignorar o fato de Marinalva estar vivendo amontoadada com seus três filhos em uma sala de um edifício comercial abandonado, onde misturam-se as roupas, a comida, brinquedos e outras bagunças. Mal se podia andar dentro da sala, além do mal cheiro que exalava do colchão onde as crianças ainda urinavam durante a noite. Existia apenas um banheiro coletivo que todos usavam e alguns pontos de gato de energia elétrica. Dona Helena se questionava como Marinalva podia se submeter junto com os filhos a viver em lugar como aquele tendo uma casa própria, com banheiro privativo, seus eletrodomésticos, sua vida organizada. Tudo isso acreditando que poderia tirar vantagem em cima de um programa do Governo. Sem demorar muito, ela seguiu o caminho indicado por Marinalva e foi até o encontro de Pantro no último andar.

Ao chegar no corredor do último andar, Dona Helena avistou Pantro na porta de uma das salas. Vestido

com uma calça branca e uma blusa branca ornamentada, as unhas pintadas de um esmalte escuro e com óculos escuro apoiado na cabeça, Pantro gritava com Gargamel que estava dentro da sala. Quando ele viu Dona Helena chegando, imediatamente foi ao encontro dela:

— Dona Helena, como vai? — questionou enquanto lhe dava um forte abraço.

— Mas Pantro, você também está nesse barco furado?

— Barco furado? Só estamos lutando por nossos direitos. Tem muitas famílias que não tem onde morar e vieram me pedir ajuda. Só estou aqui pra ajudar.

Dona Helena temia entrar em um confronto direto com Pantro e perder a confiança conquistada para circular livremente naquele local. Ela evitou questionar suas reais motivações e tentou se ater ao problema legal que foi criado:

— Pantro, você acha que os donos desse prédio não vão querer de volta o imóvel?

— Dona Helena, o pessoal da obra deste maldito viaduto que estão construindo aqui ao lado já falaram que esse prédio é da Prefeitura. Eles vão tentar tirar a gente daqui porque querem demolir tudo.

— Mas, Pantro, você não tem medo da polícia invadir?

— Se invadir, morre todo mundo! Mas, a gente não sai daqui!

## 8. UMA CASA COM MUITOS DONOS

Não demorou muito para os verdadeiros donos do prédio ocupado aparecerem. Representantes da Prefeitura compareceram ao local quase um mês após as famílias invadirem o imóvel. Houve uma tentativa de diálogo, mas as pessoas não quiseram se pronunciar e exigiram que o representante voltasse no dia seguinte para conversar com Pantro. Apesar dele estar presente boa parte do tempo, não morava no edifício. Ele continuava residindo na antiga casa de Florinda junto com os dois adolescentes, pois era um dos poucos que não conseguia viver no ambiente insalubre daquele prédio.

Pantro perdeu o controle do lugar. Quando ele iniciou a invasão do prédio, levou consigo algumas famílias que não tinham casa própria além de outras que já haviam se beneficiado com um imóvel, pois, mesmo sendo um grupo heterogêneo, ficaria mais fácil conseguir o objetivo final. O problema é que além destes dois grupos, muitas outras pessoas se aproveitaram da situação e se infiltraram no local: traficantes de drogas, prostitutas, pessoas que cometiam pequenos furtos na região adjacente, moradores de rua. O grupo ficou heterogêneo demais.

No dia seguinte, um representante da prefeitura voltou ao local e encontrou o grupo mais organizado. Pantro já o aguardava no térreo junto com alguns dos ocupantes que se aglomeravam e falavam todos ao mesmo tempo. Dona Helena assistia a tudo de uma distância considerável. Ela não queria se envolver diretamente neste primeiro momento visto que conhecia todas as falhas do grupo que ocupou o edifício, sendo assim, seria perigoso se envolver em algo que não concordava.

O fiscal da prefeitura, junto a um oficial de justiça, chegou ao local munido de documentos e demonstrando tranquilidade. Quando chegou à porta do prédio, antes de dizer qualquer coisa, foi direcionado ao térreo onde Pantro já o aguardava. Ele estava de braços cruzados e posição de desdém. Os companheiros da ocupação foram se aglomerando ao redor como uma forma de intimidação que aos poucos foi dando certo pois o fiscal se sentiu acuado e imediatamente se colocou em posição pacificadora:

— Não vim aqui tirar a legitimidade do movimento de vocês – dizia enquanto levantava as mãos abertas

na altura do peito em sinal de impotência diante da situação.

— Aqui não tem movimento coisa nenhuma. Não somos movimento de nada. Somos gente, seres humanos, estamos aqui não é porque gostamos não! Estamos aqui é porque não temos outros lugar pra ir! — enfatizou Pantro, no alto do seu 1,80m e com o dedo em riste.

Neste momento todo o grupo aplaudiu e voltaram a falar ao mesmo tempo. O fiscal tentava se justificar, explicando que estava apenas fazendo o seu trabalho e entendia a situação do grupo. O buburinho tomou conta do local e ninguém conseguia mais ouvi-lo e naquele momento ele percebeu que de nada adiantaria explicar a sua situação; ele começou a temer por sua integridade física. O oficial de justiça tentou entregar um documento a Pantro que deveria assinar a notificação e todos precisariam se retirar do local.

— Eu não vou receber papel nenhum nem assinar nada — disse Pantro exaltado.

— Ele está fazendo o trabalho dele. Vocês devem ter percebido que este prédio está no meio de um canteiro de obras onde vai passar um viaduto. Em algum momento ele vai precisar ser demolido e se não houver bom senso, infelizmente a desocupação não vai ser pacífica. Eu não tenho como intervir nisso. Não posso nem ao menos negociar. Sou apenas o portador da informação, um empregado. Entendam a minha situação. — o fiscal mais uma vez tentava se explicar, mas isso apenas inflamou mais o grupo.

— Então chame a polícia, o exército, a marinha, seja quem for. Vai ter que tirar a gente na marra. E se tirar, vai construir o viaduto e a gente mora embaixo. Onde já se viu isso? Só saímos daqui com um lugar pra ficar, ninguém vai sair daqui pra ir morar embaixo da ponte! — nesse momento, Pantro vira as costas e sobe as escadas, dando a entender que a conversa terminou.

O oficial de justiça não conseguiu entregar a notificação e junto com o fiscal, voltaram para o veículo com uma posição concreta daquele grupo: não sairão do prédio sem uma contrapartida da prefeitura! Com o avanço das obras, o edifício precisará ser demolido e caso o governo não faça um acordo com os ocupantes, uma saída pacífica não será possível.

Enquanto isso, Pantro era ovacionado pelo grupo e Dona Helena se sentia impotente naquela situação. O receio em posicionar-se a colocava em uma situação desconfortável, pois sentia que precisava zelar pelo interesse das crianças e das famílias que assistia na Associação. Era seu dever orientá-las. Dona Helena estava de fora da situação e entendia que muitos seriam prejudicados e não teriam qualquer benefício com aquela ocupação, além de colocarem seus filhos em situação de risco e insalubridade. Por medo de perder a confiança da comunidade e até mesmo temer por sua integridade física, ela preferiu não se posicionar inicialmente.

Pantro mostrou-se firme em sua decisão perante o oficial de justiça mas com o passar dos dias ele se tornou mais um observador do que um ator da situação. Ele foi perdendo gradualmente o controle de quem realmente morava no edifício e a falta de uma resposta da prefeitura o fez recuar discretamente. Por diversos fatores que estão ligados à política partidária, a obra do viaduto foi desacelerada e o prédio ocupado passou a ser um mero detalhe no funcionamento dela. Nem o fiscal da prefeitura nem o oficial de justiça voltaram ao local e as coisas não mudaram. As famílias continuam morando de forma improvisada, alguns oportunistas continuam usando o prédio como ponto de tráfico e esconderijo após pequenos furtos, a obra continua ao redor. Pantro se distanciou e voltou a morar – de onde na prática nunca saiu – na casa da falecida Florinda onde está até os dias de hoje.

## 9. QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

1. Diante do contexto apresentado, analise a postura de Pantro enquanto líder comunitário, considerando as questões éticas e os seus interesses pessoais e sociais.
2. Analise como as atitudes de Dona Helena refletem os aspectos da gestão da política pública habitacional.
3. A relação entre Pantro e Gargamel demonstra aspectos éticos e morais contraditórios que são comuns a realidade social brasileira? Justifique.



## NOTAS DE ENSINO

### RESUMO

Dona Helena é Relações Públicas da Associação Beneficente Conexão Agatha que assiste uma média de 120 crianças e adolescentes. Ao descobrir que uma parte das famílias residentes na comunidade local – junto com as crianças – invadiram um edifício abandonado foi ver de perto a situação. Ao chegar ao local ela se deparou com Pantro, uma espécie de líder comunitário que idealizou a ocupação, grupos de moradores que abandonaram suas casas para morar no imóvel e transeuntes que se aproveitaram da situação para se instalarem no local. Dentre os grupos distintos, um interesse em comum: pressionar a prefeitura para serem beneficiados no programa habitacional do governo.

**Palavras-chave:** Liderança Comunitária; Política Habitacional; Ética.

### FONTES DE DADOS

**Primária** - Documentos institucionais.

**Secundária** – Vivência da autora principal na experiência relatada, entrevistas com atores do caso de ensino produzidas na época.

### OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Este caso para ensino tem por objetivo oportunizar reflexões sobre processos vivenciados por pessoas que vivem em processos de exclusão, risco e vulnerabilidade social e suas relações com as políticas habitacionais. Enfatiza também as relações desenvolvidas entre lideranças comunitárias, sociedade civil e órgãos públicos governamentais.

### SUGESTÃO DE USO DIDÁTICO DO CASO PARA ENSINO

O caso pode ser utilizado em cursos de graduação, pós- graduação e extensão voltados a temáticas da gestão social, especificamente nas temáticas sobre risco, vulnerabilidade, política habitacional, liderança comunitária, relações Estado-Sociedade Civil. Sugere-se a leitura prévia de alguns dos textos sugeridos a seguir. Pode ser feita a divisão em grupos de debate representando a sociedade civil e o Estado bem como aplicadas estratégias de *role playing*.

### SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS:

KISIL, Marcos. **Liderança comunitária pode ser aprendida.** Disponível em: <<http://www.idis.org.br/acontece/noticias/lideranca-comunitaria-pode-ser-aprendida-diz-marcos-kisil-a-mobilizadores>> Acesso em: 05 de Dezembro de 2011.

ALENCAR, Grayce Kelly Silva de. **A ética e o princípio da dignidade da pessoa humana.** Disponível em <<http://www.esmese.com.br/blog/artigos/403-a-etica-e-o-principio-da-dignidade-da-pessoa-humana>> Acesso em: 02 de Dezembro de 2011.

ALONSO FILHO, Afonso; PINTO, Ana Cristina Roblêdo. **Direito a Moradia:** Política Pública Descentralizada com Participação e Controle Social no Enfrentamento do Déficit Habitacional na Atualidade. Salvador, 2008. Disponível em:

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania.** Rio de Janeiro: Record, 2001.